

Fé e Fúria

>>> sobre filme de Marcos Pimentel

VAGNER GONÇALVES DA SILVA¹

Fé e Fúria, documentário de Marcos Pimentel (Brasil, 2019), inicia silenciosamente com a projeção da cartela de créditos sobre um fundo preto. Ouve-se então um diálogo entre “olheiros” dos traficantes monitorando o acesso aos morros do Rio de Janeiro. Até aí nenhuma novidade para quem acompanha os jornais ou filmes sobre a violência da guerra entre quadrilhas pelo controle do tráfico de drogas nas favelas. Mas, ao final, o locutor dispara: “*Deus abençoe todo mundo aí, véio. Aquele que habita no esconderijo do altíssimo, à sombra do onipotente descansará. Direi do senhor, ele é o nosso Deus, tá ligado? Ou seja, nós confia [sic] e ele faz o resto*”.

Essa mistura, a princípio contraditória, de atividades criminosas com a proteção do altíssimo, é reforçada visualmente no momento que a luz se faz e a câmera passeia pela arquitetura vernacular das comunidades dos morros. Na paisagem já conhecida de casinhas de lajes irmanadas, desponta uma novidade em forma de mensagens inscritas nas paredes e muros: “*Jesus Cristo vive em minha casa*”, “*Um inimigo tem força, mas só Jesus tem poder*”, “*Deus é o dono do lugar*”. E após tantas mensagens religiosas edificantes seguem-se cenas de terreiro e de depoimentos da mãe de santo e de sua filha agredida pelos evangélicos com pedradas na cabeça. Em menos de cinco minutos já se sabe, portanto, a que o título do documentário se refere: a fé posta a serviço da força e do poder do crime gerando um tipo de fúria específica que mistura metralhadora, versos bíblicos e extermínio religioso de quem professa uma crença diferente daquela dirigida ao “onipotente”. Fúria que se agrava pela ausência e ineficiência do Estado que impotente não consegue nem apaziguar a vida da população local, garantindo-lhe o elementar direito à vida, que dirá proteger o direito à fé ou à liberdade religiosa.

O documentário está organizado em cinco partes separadas por uma cartela de título na qual o desenho de uma vela e uma metralhadora funcionam como potente ilustração do título geral. Na primeira, “Guerreiros”, a opção religiosa afro-brasileira é apresentada como importante mecanismo para a construção da autoestima e identidade positiva das populações negras que percebem a intolerância religiosa se ampliando como mais

1. Vagner Gonçalves da Silva é antropólogo e professor da Universidade de São Paulo dedicado ao conhecimento das culturas e religiosidades afro-brasileiras. Organizador do livro *Intolerância religiosa*.

um dispositivo do racismo e da homofobia. De fato, nos depoimentos dos evangélicos a concepção da batalha espiritual do bem contra o mal se expressa numa linguagem bélica cujo léxico é composto por termos como “guerra”, “armadura”, “inimigos”, “exército” etc. Porém, contra o que se luta é um “moinho de vento” presente somente na cabeça dos tais “guerreiros de Jesus”. O desconhecimento do que acontece no âmbito dos terreiros, por exemplo, se expressa no depoimento ingênuo da jovem evangélica escandalizada com o que ouviu de um “ex-bruxo” arrependido descrevendo orgias satânicas às quais teria se submetido com o uso de sangue de animais e de um feto.

No capítulo “Guerra” alguns casos concretos de práticas intolerantes são apresentados como o da evangélica funcionária de loja que humilha uma filha de santo, o do policial evangélico que persegue a mãe de santo com intimidações de toda espécie; o da professora evangélica que assedia a aluna de candomblé, o dos terreiros incendiados e destruídos. Cenas rituais nos terreiros mostram que estes têm como orientação a inclusão de várias referências a outras religiões, ao contrário dos cultos neopentecostais cuja tônica discursiva é o ataque a outras denominações classificando as religiões afro-brasileiras como “obra do diabo”. O pastor negro, ex-viciado e ex-presidiário, e etimólogo amador, dispara: “macumba” vem de “ma”, maldade, e “cumba”. Mas há também pastores negros que se eximem dessa postura denunciando o racismo e a ganância capitalista existentes em certas denominações como na Igreja Universal do Reino de Deus.

Em “Gritos de Guerra” as igrejas neopentecostais assumem a evangelização como uma “guerra santa” levada a cabo por “gladiadores” ou pelos “exércitos de Cristo”. Nem as crianças escapam dessa linguagem bélica, presente inclusive nos nomes de igrejas como “Igreja Internacional Exército de Deus”, na qual Jesus chegou à patente de “general”, posto talvez até mais relevante do que o de ser “filho de Deus” e ter vindo à terra trazendo uma mensagem de paz e não violência. Mas não é só de “marcha, soldado, cabeça de papel” que se faz a evangelização. Outros passos entram em cena, como os “passinhos do abençoado” dançados por jovens negros, de terno e gravata, ao som do funk gospel.

O capítulo “Armas”, o ponto alto do documentário, nos mostra o complexo processo de conversão dos traficantes iniciado com a evangelização nos presídios. Nessa ótica a batalha entre as quadrilhas parece equivaler a batalha espiritual do bem contra o mal, embora, nesse caso, cada facção se ache no lado do bem colocando a rival no lado do mal. E o onipotente parece jogar nos dois times. Isso porque não há, desse ponto de vista, contradição entre ser evangélico e ser traficante. O gerente da boca tem tatuado no braço o nome “Jesus Cristo” que também está cravejado nas pistolas. Por isso, o crescimento das igrejas evangélicas nas favelas acompanha o fechamento dos terreiros e a proibição de se exibir sinais de pertencimento ao candomblé ou umbanda, como roupas litúrgicas e fios de contas. Essa relação espúria entre pastores e traficantes é criticada como a nova peça da cadeia produtiva da lavagem de dinheiro ilícito e do crescimento da arrecadação do dízimo. Traficantes e pastores tornam-se assim os donos do pedaço, com o aval de Jesus. Ser de Deus e ter um revólver ou um aliado que o tenha parece não ser, portanto, uma contradição moral, religiosa ou política.

“Outras armas” finaliza mostrando que a intolerância religiosa resulta de um conjunto de alianças que tem seu epicentro no racismo estrutural que historicamente relegou as populações negras para as margens da sociedade. A amplitude dessas alianças é, entretanto, um fato histórico recente pois vem alinhando uma diversidade de atores, como empresários do setor de comunicação, políticos evangélicos que fidelizam os votos das memberships, a direita conservadora que não tem mais vergonha de mostrar a cara e reivindicar pautas que afetam o direito à existência democrática das minorias e da diversidade. Aqui, ao contrário daquele ditado popular, religião e política se discutem.

Enfim, *Fé e Fúria* tem entre suas inúmeras qualidades a de dar voz aos vários lados envolvidos na guerra, embora o próprio termo deva ser questionado já que os adeptos afro-brasileiros não querem guerrear, apenas reagem aos ataques, resistindo o quanto podem à tentativa de usurpação do espaço conquistado. Lembrem, inclusive, que esse ataque não é “apenas mais um problema da favela”, mas diz respeito à sociedade e ao Estado brasileiros que perdem sua diversidade e se emburrecem quando admitem o ódio, o racismo e o extermínio, ainda mais quando praticados em “nome de Deus”. O documentário é uma importante contribuição contra esse emburrecimento que insiste em hierarquizar o mundo em termos de “uma coisa acima da outra”. Na vida tudo convive lado a lado e o respeito ao diferente é a melhor forma de elevação a que homens, espíritos e nações podem aspirar.